



Notas sobre o curso de metodologia da pesquisa em Geografia na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ) no semestre letivo de 2022.1

Alexandre de Souza Amico¹

Resumo. Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir a experiência docente durante a construção e execução do curso de Metodologia da Pesquisa em Geografia, no Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizada no município de Duque de Caxias, RJ. Assim, abordamos as questões que envolvem todas as etapas de uma disciplina de nível superior, tais como: a construção dos objetivos do curso, a escolha da bibliografia, as formas de avaliação adotadas, as dinâmicas das aulas, etc. Metodologicamente, optamos por estruturar um passo a passo daquilo que envolveu o curso, além de entrevistas com estudantes e com o professor que fora convidado para ministrar uma aula. Isto posto, pudemos concluir que os objetivos traçados para o curso foram cumpridos, tendo em vista a compreensão por parte dos(as) estudantes acerca dos conteúdos por nós propostos e também considerando o nosso aprendizado adquirido ao longo do semestre.

Palavras-chave: anteprojeto, Ensino de Geografia, relato de experiência.

NOTES ON THE GEOGRAPHY RESEARCH METHODOLOGY COURSE AT THE FACULTY OF EDUCATION OF BAIXADA FLUMINENSE (FEBF-UERJ) IN THE ACADEMIC SEMESTER OF 2022.1

Abstract: This article aims to present and discuss the teaching experience during the construction and execution of the Research Methodology in Geography course, in the Department of Geography of the Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), unit of the State University of Rio de Janeiro (UERJ), located in the municipality of Duque de Caxias, RJ. Thus, we address issues that involve all stages of a higher-level discipline, such as: the construction of course objectives, the choice of bibliography, the forms of evaluation adopted, the dynamics of classes, etc. Methodologically, we chose to structure a step by step of what the course involved, in addition to interviews with students and with the professor who was invited to teach a class. That said, we were able to conclude that the objectives outlined for the course were met, in view of the students' understanding of the content proposed by us and also considering our learning acquired throughout the semester.

Key-words: pre-project, Geography Teaching, experience report.

¹ Professor Contratado do Departamento de Geografia da FEBF-UERJ. E-mail: alexdeamico@hotmail.com

Introdução

O texto deste artigo é referente à experiência docente obtida durante o curso de Metodologia da Pesquisa em Geografia, ministrado no semestre de 2022.1, no Departamento de Geografia (DEGEO) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizada no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. As aulas foram realizadas às terças-feiras, no período noturno, com uma carga horária total de 60 horas, sendo a sua totalidade composta apenas de carga teórica, conforme aponta a ementa da disciplina. Posto isto, sinalizamos que, o objetivo do trabalho é apresentar e discutir as etapas que compuseram a disciplina, com maior ênfase para os momentos em sala de aula. Nesse sentido, as etapas discutidas no texto foram a análise da ementa, a elaboração dos objetivos, a escolha da bibliografia, a dinâmica das aulas e as formas de avaliação. Ademais, também realizamos entrevistas com $\frac{1}{4}$ dos(as) estudantes que cursaram a disciplina para saber as suas opiniões sobre algumas questões relativas ao curso, além de uma entrevista com um professor que fora convidado a ministrar uma aula durante o semestre.

Sendo assim, é importante destacar o seguinte: ao todo, tivemos dez encontros com a turma, pois, após a volta das aulas presenciais, os semestres letivos na UERJ estão um pouco mais corridos, para que o calendário seja ajustado, tendo em vista a paralisação decorrente da pandemia de Covid-19. Desses encontros, o primeiro foi destinado para a apresentação do professor, do curso e para uma conversa inicial sobre a temática. No referido encontro, expusemos, dentre outros pontos, qual a forma que acreditamos que uma aula deve acontecer. Nesse sentido, caminhamos junto à Freire (1996) quando o pedagogo aborda como a sala de aula é uma eterna relação ensino-aprendizagem. Enxergamos os(as) estudantes não como meros receptores ou depósitos de conteúdos, nos termos que o autor chama de “educação bancária”, mas sim como sujeitos ativos da relação ensino-aprendizagem. Dizemos “ensino-aprendizagem”, pois temos a certeza de que o(a) docente também aprende ao ensinar, sendo a recíproca verdadeira

para a relação por parte dos(as) estudantes. Assim, ressaltamos como a sala de aula pode ser uma grande troca de conteúdos, experiências e até mesmo afetos.

No que se refere à estrutura, o curso foi dividido em três partes, a saber: a primeira foi composta por discussões sobre o que é a ciência e a evolução do pensamento científico. Já na segunda, abordamos métodos e metodologias referentes à Geografia. Na terceira parte, pensamos juntamente aos(as) estudantes a prática da elaboração de um anteprojeto de pesquisa. Como observaremos mais à frente, por opção metodológica, a segunda e a terceira parte foram operacionalizadas de maneira concomitante ao longo das aulas. Ainda no primeiro encontro, conversamos brevemente sobre técnicas para um melhor aproveitamento da leitura de textos acadêmicos e também buscamos compreender se já havia dentre os(as) estudantes alguma noção da temática que estes pretendiam realizar enquanto pré-projeto. Buscando uma avaliação mais contínua, em quatro aulas, da terceira até a sexta, realizamos junto aos estudantes a construção dos tópicos de seus respectivos anteprojetos. Já os dois últimos encontros tiveram como conteúdo as apresentações e discussões dos anteprojetos. Após as apresentações e discussões, os estudantes tiveram mais duas semanas para realizar as alterações sugeridas e entregar o anteprojeto de maneira escrita, via *e-mail*.

No que se refere às avaliações, nossa opção foi a seguinte: ao longo do semestre, totalizaram-se três formas de avaliação. A primeira que destacamos foi a realização das atividades em sala. Com o total de quatro atividades, cada uma valeu dois pontos e meio no somatório da média final. Cabe destacar que essa forma de avaliação teve peso um. A segunda aqui citada foi a apresentação por parte de cada estudante de seus respectivos anteprojetos. Tal avaliação teve o total de dez pontos e peso um. A terceira avaliação ficou a cargo da entrega da parcela escrita do anteprojeto. Essa avaliação também teve a nota máxima de dez pontos, contudo, seu peso na média final foi dois. Como avaliação extra, observamos o engajamento de cada estudante na disciplina. Aqueles(as) que tiveram grande participação nas aulas chegaram a

uma pontuação extra máxima de um ponto. Com as notas de todas as avaliações em mãos, pudemos realizar o cálculo sobre a média final.

Com exceção de apenas três aulas, optamos por trabalhar com um texto obrigatório e um complementar. Em condições ideais, trabalharíamos com maior carga de leitura, entretanto, compreendemos a realidade objetiva de nossos estudantes, que na maior parte dos casos trabalham durante todo o dia e/ou residem longe da universidade. Cabe ressaltar ainda que, mesmo as três aulas que tiveram dois textos como obrigatórios para a leitura não somaram uma quantidade desproporcional de páginas. Para a comunicação, além de um grupo criado no aplicativo *Whatsapp* com o intuito de dinamizar a comunicação junto aos(às) estudantes, organizamos uma pasta compartilhada no *Google Drive* em que concentramos os textos da disciplina, separados por aulas, o plano de curso, um modelo para a parcela escrita do anteprojeto e, posteriormente, uma pasta com a ordem das apresentações dos pré-projetos.

Posto isto, em nossa contribuição à temática, acreditamos que o objetivo do curso foi cumprido ao conseguir contribuir para que os estudantes pudessem compreender os três grandes campos de discussões propostos no plano de curso, sobretudo, aquele que se refere ao entendimento e confecção de um anteprojeto de pesquisa em Geografia. Outrossim, consideramos que saímos da disciplina com um grande acúmulo de aprendizado tendo em vista a forma como o curso foi pensado, montado e executado. Assim, após o final do semestre, temos a certeza de que o nosso cotidiano docente (que envolve não só a sala de aula, mas também as pesquisas, visto que não há separação entre ambos) foi fortalecido.

Estruturalmente, o artigo está dividido, além da Introdução e das Considerações Finais, em três seções. A primeira, logo abaixo, versa sobre o período que antecedeu a execução da disciplina. Nessa parte do texto, expomos o exame realizado na ementa da disciplina e a escolha dos objetivos. No segundo tópico, dialogamos como foram os passos para a escolha da bibliografia. Por fim, trouxemos para a discussão como ocorreram as dinâmicas das aulas e das avaliações da disciplina, além de algumas entrevistas.

Sobre momentos prévios: uma análise da ementa da disciplina e a construção dos objetivos

Ministrar o curso em questão configurou-se como um grande desafio. Logicamente, todas as disciplinas da grade curricular possuem a mesma importância para a formação das(os) discentes. Entretanto, acreditamos que um curso acerca da compreensão e construção das estruturas de uma pesquisa acadêmica possui um caráter especial. Sobretudo, quando pensamos que, no currículo de Geografia da FEBF, esta é a única disciplina que versa sobre a temática em tela. Dessa forma, buscamos as mais variadas formas de nos embasarmos para a elaboração do curso.

Na grade curricular, a disciplina encontra-se no 4º período da graduação, sendo-a de caráter obrigatório, com carga horária de 60 horas e contabilizando quatro créditos para a formação. Tais informações estão disponíveis na ementa da disciplina². Foi justamente nesse documento que inicialmente buscamos informações que pudessem colaborar com a montagem do plano de curso. Por lá, encontramos a descrição do objetivo: “Analisar o processo de produção do conhecimento geográfico.” Sendo esta descrição um tanto quanto simples, foi no campo denominado “ementa” (do mesmo documento) que encontramos um maior suporte para compreendermos os objetivos do curso. Dessa maneira, inspirados no campo mencionado, definimos o objetivo do curso ministrado por nós da seguinte forma: “Identificar e discutir as bases da ciência, a sua evolução, as suas diferenças com o senso comum e analisar os diferentes métodos e metodologias da pesquisa científica em Geografia. Ademais, o curso buscará criar o alicerce necessário para que as(os) estudantes possam compreender as etapas de uma pesquisa e, dessa forma, construir um anteprojeto de pesquisa em Geografia.”

Foi somente a partir da definição dos objetivos da disciplina que pudemos avançar para as etapas seguintes da organização do curso. Assim, passamos para a escolha das leituras que compuseram a disciplina. Este é um

² Disponível em: <https://www.ementario.uerj.br/ementa.php?cdg_disciplina=8337>. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

momento crucial para que os objetivos possam ser cumpridos e um maior detalhamento desta etapa encontra-se no tópico logo abaixo.

Aproximações iniciais: o levantamento bibliográfico sobre a temática em tela

Montar a bibliografia de uma disciplina de nível superior não é uma das tarefas mais fáceis que a docência nos reserva. São muitas horas e trabalho despendidos para que as leituras de um semestre inteiro possam ser as melhores possíveis para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse ínterim, muitas buscas são realizadas, muitas leituras são feitas e nem sempre tudo aquilo que gostaríamos que estivesse no plano de curso encontra o seu espaço.

Assim sendo, foi no movimento descrito acima que, novamente, recorremos à ementa da disciplina disponível no site da UERJ como ponto de partida. No documento, encontramos apenas duas sugestões de bibliografia: Capel (1981) e Eco (1996). Como veremos um pouco mais à frente, por escolhas metodológicas, das sugestões da ementa, optamos por trabalhar apenas com o filósofo Umberto Eco.

Dando prosseguimento à busca por bibliografias pertinentes à estrutura e objetivos do curso por nós pensados, além de nosso acúmulo prévio de bagagem sobre a temática e de materiais disponíveis oriundos de nossa graduação e pós-graduação, empreendemos pesquisas em repositórios como o *Google Acadêmico*, *Scielo*, bancos de dissertações e teses etc. Durante a empreitada, nos deparamos com uma quantidade consideravelmente grande de textos que abordavam a temática. Dessa maneira, selecionamos alguns textos como forma de aproximação inicial com o campo em questão e também com o intuito de descobrir novas bibliografias através de suas referências.

Concomitantemente a este processo, examinamos planos de curso disponíveis na internet de disciplinas semelhantes ministradas em universidades públicas brasileiras. Com isso, "garimpamos" diversos textos que posteriormente passaram por uma "filtragem" e então aqueles selecionados

foram lidos e incorporados ou não à disciplina. Durante esse percurso, muitos textos acabaram ficando de fora da disciplina, não necessariamente por não colaborar conosco para as aulas, mas apenas por questões de “espaço” nas leituras destinadas aos estudantes. Ademais, também entramos em contato com professores(as) universitários(as) próximos a nós para a obtenção de indicações de materiais. Com isso, montamos um arsenal de materiais que nos ajudaram na construção do curso.

Teoria e prática: a construção da práxis em sala de aula

Na atual quadra da discussão, a fim de estabelecer relações para construir um melhor entendimento de como funcionou o nosso curso, lançamos mão de uma análise mais detalhada sobre as leituras, as dinâmicas das aulas e sobre as atividades avaliativas que compuseram a disciplina no semestre em debate.

Após o encontro de apresentação do curso, trabalhamos com os escritos de Alves (1996) e Araújo (2006). Os textos em questão chamam-se: “Ciência, coisa boa...” e “A ciência como forma de conhecimento”, respectivamente. O texto de Alves (1996) foi o ponto de partida da discussão. No escrito, o autor propõe, de maneira bastante didática, o estabelecimento de um certo prazer ao fazer ciência. A publicação foge um pouco do rígido padrão acadêmico e caminha mais em direção a um convite para uma ciência que faça sentido na vida dos(as) pesquisadores(as). Pensamos que esta abordagem seria interessante para começar o curso e de certa forma quebrar um possível distanciamento inicial entre professor e estudantes. A tática teve êxito e muitos(as) estudantes realizaram apontamentos sobre o conteúdo. Por seu turno, Araújo (2006) discorre acerca da ciência a partir de sua distinção com outras formas do saber como, por exemplo, o senso comum, a religião, a ideologia e a filosofia. Com isso, os(as) estudantes puderam criar suas próprias aproximações daquilo se compreender hoje como ciência.

Na segunda aula, continuamos com o primeiro bloco sobre a ciência em si, através da evolução do pensamento científico, e realizamos uma introdução sobre a questão dos métodos em Geografia. Trabalhamos como texto

obrigatório Ivenicki e Canen (2016) e como texto de fundo tivemos o de Sposito (2004). As discussões orbitaram em torno do que é considerado uma pesquisa científica, da antiga visão de neutralidade da ciência e do(a) cientista, de pesquisas de teor quantitativo e qualitativo, do que são paradigmas, da diferença entre método e metodologia e as suas aplicações na Geografia.

Na aula três, tivemos uma primeira aproximação com a estrutura de um projeto de pesquisa. Os textos de Barros (2008) e Eco (2007) foram abordados como leitura obrigatória e complementar, respectivamente. O artigo de Barros (2008), intitulado “Projeto de pesquisa: aspectos introdutórios”, nos serviu como excelente ferramenta para apresentar a estrutura base de uma pesquisa acadêmica. Tivemos a oportunidade de abordar o que significam pontos que estão no texto e outros que complementamos como, por exemplo: tema, objeto, recortes espacial e temporal, questões (central e específicas), objetivos (central e específicos), justificativas, quadro teórico e metodologia (o que preferimos chamar de “referencial teórico-metodológico”, pois não há teoria sem prática e vice e versa) e cronograma. Na aula em tela, tais pontos foram abordados apenas de maneira introdutória e, nas aulas seguintes, um a um foram sendo aprofundados.

Aqui, é necessário salientar o seguinte: foi nesse encontro que iniciamos uma das avaliações da disciplina. Ao longo dessa e de mais três aulas posteriores, propusemos durante um certo momento, após as discussões dos textos, atividades práticas sobre os temas abordados. Em um questionário realizado com $\frac{1}{4}$ dos estudantes, após o término da disciplina, perguntamos qual a opinião deles sobre o plano de curso (no quesito atividades realizadas em sala de aula relativas à montagem do pré-projeto). Um(a) estudante nos relatou que foi: “Ótimo, [pois] os trabalhos foram direcionados e lúdicos para construir o pré-projeto.” Um(a) outro(a) estudante apontou que: “As atividades propostas em sala auxiliaram ao caminho que preciso tomar, quais os pontos importantes que preciso priorizar na minha pesquisa e qual ou quais metodologias mais indicadas à minha pesquisa.”. Com isso, além da análise de todos os materiais, acreditamos no êxito da proposta.

Apresentando o que fora a primeira atividade em sala, esta consistiu na delimitação do tema. Ao passo que os estudantes iam acabando de colocar o pedido no papel, era realizada uma “correção” por parte do docente, em que apontamentos eram feitos no intuito de uma “lapidação” das ideias. Como a turma contou com apenas oito estudantes frequentando regularmente as aulas, a dinâmica em questão foi relativamente fácil de ser realizada. Nos dias em que não foi possível realizar as correções em sala, levamos o material para casa e fizemos as sinalizações na aula posterior.

Na aula seguinte, tivemos o tema sobre como construir o objeto de pesquisa e a contribuição do geógrafo Milton Santos para a construção de um método de análise do espaço. Levamos como leitura obrigatória Araújo, Pimenta e Costa (2015) e como leitura de fundo Santos (1986). Foi também nessa aula que realizamos a atividade dois: a elaboração do objeto, os recortes espacial e temporal e a formulação dos problemas de pesquisa (questão central e questões específicas). O texto de Araújo, Pimenta e Costa (2015) traz como título: “A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo”. Novamente, foi realizada uma abordagem sobre a estrutura de uma pesquisa acadêmica, contudo, agora, com foco na construção do objeto. Em relação à atividade, observamos certa dificuldade dos estudantes em realizar os pedidos. Sendo assim, focamos em tirar as dúvidas e colaborar na construção dos pontos sugeridos.

Na quinta aula, propomos um estudo sobre a concepção dos objetivos de uma pesquisa e um debate sobre escala. Para tal, levamos os textos de Fagundes (2018) e Castro (2014). Já a atividade em sala foi a execução dos objetivos (central e específicos). Fagundes (2018) elaborou o seu escrito justamente a partir de uma experiência em sala de aula e para ser utilizado como apoio às aulas da disciplina de Projeto de Pesquisa I, do Curso de Psicologia da Universidade Guarulhos, em São Paulo. Aliando teoria e prática, Fagundes (2018) traz alguns exercícios para que os(as) estudantes possam treinar a criação dos objetivos. Esses exercícios foram discutidos e executados. Castro (2014), em um clássico texto da Geografia Brasileira, examina a questão das escalas na ciência geográfica. Essa discussão colaborou para o

entendimento de que não se pode simplesmente querer “transportar” as mesmas metodologias de uma escala para outra como se estas fossem dar conta da análise.

Na sequência do curso, destacamos a composição das justificativas de uma pesquisa e a importância do trabalho de campo para (grande parte) das pesquisas em Geografia. Posto isto, avaliamos os textos de Silva (2015), como obrigatório, e Alentejano e Rocha-Leão (2006), como complementar. Silva (2015) discorre como as justificativas respondem à pergunta de “por que fazer a pesquisa”. Ademais, a autora revela algumas das justificativas mais utilizadas nos trabalhos examinados por ela, contribuindo conosco para pensarmos juntos aos(as) estudantes as justificativas das suas pesquisas. Por seus turnos, Alentejano e Rocha-Leão (2006) foram de suma importância para discutirmos os possíveis trabalhos de campo de algumas pesquisas.

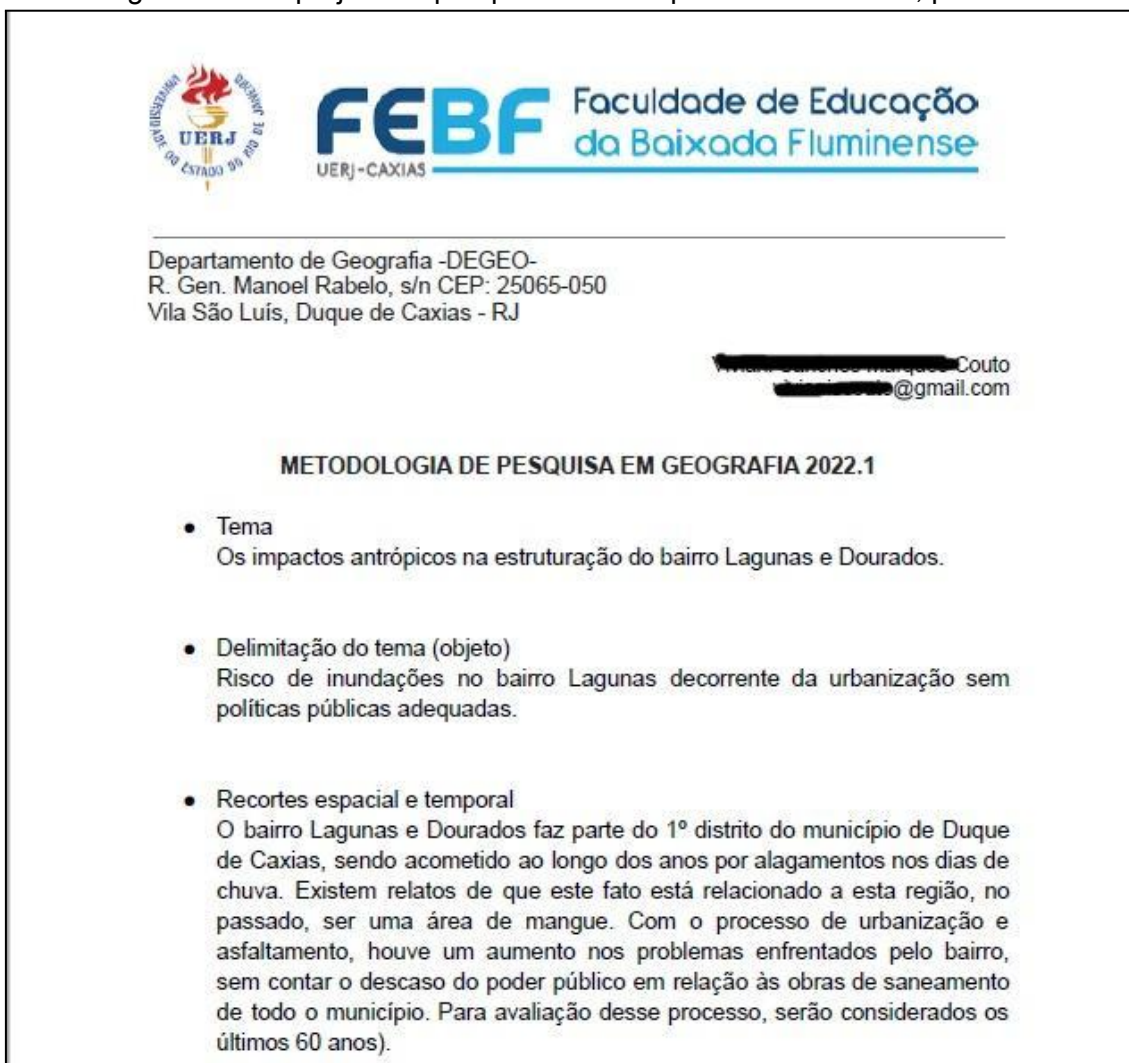
Na última aula da disciplina com debate de textos, convidamos o Prof. Me. Felipe Taumaturgo Rodrigues de Azevedo³ para ministrar uma aula com a temática “questão racial e método em Geografia”. Observamos a falta dessa discussão em grande parte da formação discente e compreendemos a importância do tema. Assim, acreditamos na necessidade de levar um pesquisador negro e que estuda a temática para dar uma aula na disciplina por nós ministrada. Azevedo utilizou o artigo de Araújo de Oliveira (2020) para a leitura da aula. Azevedo deu-nos uma entrevista em que relatou que a sua ideia foi pensar a questão racial dentro de um contexto metropolitano. Além disso, Azevedo fez questão de ressaltar a importância de Araújo de Oliveira para a sua discussão e também a relevância do conceito de “espaço interdito” da Professora Joseli Silva. Durante a aula, os(as) estudantes interagiram bastante com o convidado abordando exemplos de seus cotidianos na Baixada Fluminense.

Após esta aula, entramos na fase de apresentação dos anteprojetos de pesquisa. Foram dois dias de discussões, ficando metade da turma responsável pelas apresentações em cada dia. Os(as) estudantes tiveram de

³ Azevedo é licenciado em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mestre em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorando em Geografia por esta mesma universidade.

dez a quinze minutos para apresentar as suas pesquisas. Posteriormente, nós, juntamente aos(às) outros(as) estudantes, realizamos comentários acerca do material exposto. Nosso intuito foi que os(as) discentes pudessem aprimorar ainda mais os seus projetos para elaborar a parte escrita. A apresentação, assim como a parcela redigida do anteprojeto, foi justamente composta pelas etapas desenvolvidas ao longo do semestre. Abaixo, nas Figuras 1, 2, 3 e 4, podemos observar um anteprojeto enviado para avaliação.

Figura 1 : Anteprojeto de pesquisa enviado por uma estudante, parte 1.



  **Faculdade de Educação da Baixada Fluminense**
UERJ-CAXIAS

Departamento de Geografia -DEGEO-
R. Gen. Manoel Rabelo, s/n CEP: 25065-050
Vila São Luís, Duque de Caxias - RJ

[Redigido] Couto
[Redigido]@gmail.com

METODOLOGIA DE PESQUISA EM GEOGRAFIA 2022.1

- Tema
Os impactos antrópicos na estruturação do bairro Lagunas e Dourados.
- Delimitação do tema (objeto)
Risco de inundações no bairro Lagunas decorrente da urbanização sem políticas públicas adequadas.
- Recortes espacial e temporal
O bairro Lagunas e Dourados faz parte do 1º distrito do município de Duque de Caxias, sendo acometido ao longo dos anos por alagamentos nos dias de chuva. Existem relatos de que este fato está relacionado a esta região, no passado, ser uma área de mangue. Com o processo de urbanização e asfaltamento, houve um aumento nos problemas enfrentados pelo bairro, sem contar o descaso do poder público em relação às obras de saneamento de todo o município. Para avaliação desse processo, serão considerados os últimos 60 anos).

Fonte: acervo pessoal.

Figura 2: Anteprojeto de pesquisa enviado por uma estudante, parte 2.

de todo o município. Para avaliação desse processo, serão considerados os últimos 60 anos).

- **Questão central**
Porque o bairro Lagunas é acometido por inundações em dias de chuvas e em época de maré cheia?
- **Questões secundárias**
A Geomorfologia da região contribui para as inundações?
As inundações do bairro estão relacionadas a urbanização inadequada?
Quais ações têm sido realizadas para mitigar o problema?

- **Objetivo central**
Identificar os parâmetros que contribuem para que o bairro Lagunas sofra com inundações em dias de chuvas, ou mesmo quando ocorre aumento no nível da maré.
- **Objetivos secundários**
Analisar o desenvolvimento histórico da região, de 1960 até os dias atuais;
Identificar quais as características do bairro contribuem para esses eventos;
Avaliar quais os motivadores que levaram a escolha desta região como área habitacional;
Investigar junto aos moradores do bairro e regiões adjacentes, como ocorreu a construção de um bairro.

Fonte: acervo pessoal.

Figura 3: Anteprojeto de pesquisa enviado por uma estudante, parte 3.

a construção de um bairro.

- Justificativas

Os trabalhos desenvolvidos no município de Duque de Caxias, pouco abordam sobre a região periférica ao centro do município e, consequentemente, a origem desses problemas no bairro Lagunas e Dourados. Acredito que o trabalho esclarecerá as diversas especulações, permitindo que o poder público defina políticas públicas mais assertivas para o bairro.

- Referencial Teórico-metodológico

- Maurício de Almeida Abreu;
- Simone Fadel;
- Thiago Coutinho Rodrigues.

- Metodologia

- Levantamento de dados junto aos órgãos públicos, levantamento bibliográfico, bem como na internet;
- Entrevistas com os moradores do bairro e de bairros adjacentes (*in loco* ou por aplicativo);
- Compilação e análise dos dados coletados;
- Elaboração do relatório;
- Apresentação final.

Fonte: acervo pessoal.

Figura 4 : Anteprojeto de pesquisa enviado por uma estudante, parte 4.

... Compilação e análise dos dados coletados;
- Elaboração do relatório;
- Apresentação final.

• Cronograma

Etapas	Fev/23	Mar/23	Abr/23	Mai/23	Jun/23	Jul/23
Levantamento dados secundários		x	x			
Levantamento bibliográfico	x	x	x	x	x	x
Trabalho de campo		x	x			
Análise dos dados			x	x		
Elaboração do relatório		x	x	x	x	
Apresentação						x

Fonte: acervo pessoal.

Como dito anteriormente, as quatro figuras correspondem ao mesmo anteprojeto. Nele, é possível observar como a estudante compreendeu a estrutura base de uma pesquisa acadêmica. Em sua proposta, os elementos estão em constante diálogo, formando uma unidade coerente e coesa para a construção de uma pesquisa. Os demais projetos enviados para a avaliação seguiram, mais ou menos, a mesma perspectiva. Ao questionarmos se, ao final do curso, os(as) estudantes se sentiram com domínio das etapas de uma pesquisa acadêmica, tivemos todas as respostas positivas. Uma das respostas discorre que: “Acredito ter tido o conhecimento necessário para aprofundar as minhas pesquisas.”. Outra apontou que: “Sim, agora estou capacitado pra

escrever a monografia.”. Dessa forma, todos(as) os(as) estudantes que acompanharam as aulas, realizaram as tarefas em sala, apresentaram o anteprojeto e enviaram-o de maneira escrita foram aprovados na disciplina. No quesito de avaliação de nossas aulas também tivemos respostas positivas. Quando perguntado(a) sobre qual a avaliação em relação à forma como o docente ministrou as aulas (ferramental pedagógico e didático, domínio do conteúdo etc) um(a) estudante respondeu que: “Mesmo sendo, pra mim, um jovem mestre, o professor tem domínio total da disciplina e agrega conhecimento e experiência que fortalecem o elo de troca dentro de sala de aula.”. Dessa maneira, acreditamos que nossos objetivos traçados para o curso foram cumpridos com sucesso.

Considerações finais

Chegando à parte final de nosso artigo, podemos apontar algumas conclusões acerca da experiência obtida ao lecionar a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Geografia, no semestre de 2022.1, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ). Primeiramente, é importante ressaltar que o trabalho já se inicia no momento em que começamos a pensar na estruturação da disciplina. É nesse movimento que são pensados os objetivos do curso para, posteriormente, empreender buscas por bibliografias, por métodos avaliativos, por ferramentas pedagógicas e didáticas etc.

Nesse sentido, mobilizamos conceitos relativos à ciência como um todo, à Geografia e à estruturação de um projeto de pesquisa. Posto isto, conseguimos mediar o ensino-aprendizagem sobre temas como, por exemplo, o que é a ciência, o seu desenrolar ao longo do espaço-tempo, os métodos científicos e as suas conjunturas na Geografia, métodos elaborados para a análise propriamente do espaço e as etapas e confecção de um anteprojeto de pesquisa.

Em nossa avaliação, acreditamos que os(as) estudantes puderam compreender os pontos debatidos de maneira extremamente satisfatória,

conforme aponta as falas dos(as) estudantes citados(as) no tópico anterior e também conforme a análise das atividades feitas durante as aulas, das apresentações e do anteprojeto escrito. Com o pensamento de que a ciência é uma eterna relação entre utilizar-se de bases pretéritas mais consolidadas, mas também de a todo instante pesquisar e descobrir novas concepções, para o atual semestre, 2022.2, realizamos modificações em nosso curso. Caso tenhamos a oportunidade de ministrar novamente a disciplina em questão por mais uma ou mais outras vezes, é extremamente provável que outras modificações sejam realizadas. Assim, caminhamos com uma ciência e uma sala de aula vivas, com o horizonte de formar profissionais para interpretar o espaço de maneira adequada e contribuir para a real transformação deste.

Referências bibliográficas

- ALENTEJANO, Paulo R. R. & ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 84, 2006.
- ALVES, R. Ciência, Coisa Boa... In: MARCELLINO, Nelson. (Org.). Introdução às Ciências Sociais. Campinas: Papirus, 1996.
- ARAÚJO, C. A. Á. A ciência como forma de conhecimento. Ciência & Cognição. Vol. 08: 2006.
- ARAÚJO DE OLIVEIRA, Denilson. Questões acerca do genocídio negro no Brasil. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v.12, n. Ed. especial, 2020.
- ARAÚJO, Júlio; PIMENTA Alcilene Aguiar; COSTA, Sayonara. A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo. Interações. Campo Grande, v. 16, n. 1, 2015.
- BARROS, José D.'Assunção. O projeto de pesquisa—aspectos introdutórios. Travessias, v. 2, n. 1, 2008.

CAPEL, H. Filosofia y ciência en la geografía contemporânea. Barcanova, 1981
CASTRO, Iná. Escala e pesquisa na geografia. Problema ou solução? Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 4, N.1, 2014.

ECO, Umberto. Como fazer uma tese em ciências humanas. Tradução: Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Lisboa: Editora Presença. 2007.

_____. Como se faz uma tese. São Paulo: Perfecctica, 1996. FAGUNDES, Antônio Jayro da Fonseca Motta. Cuidados para a formulação dos objetivos de pesquisa. Revista Educação. v.3, n.1, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IVENICKI, A.; CANEN, A. Metodologia de pesquisa: de um modelo único à diversidade de paradigmas. In: Metodologia da Pesquisa: rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Moderna, 2016.

SANTOS, M. Espaço e Método. (Cap.V: Estrutura, processo, função e forma como categoria do método geográfico. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVA, Camila Rayssa Barbosa da. Movimentos retóricos da seção de justificativa de projetos de pesquisa da área de história. Revista Ininga. Teresina, PI, v. 2, n. 1, jan./jun. 2015.

SPÓSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Unesp, 2004.